

A EXPOSIÇÃO “RESISTÊNCIA JÁ” DO MAE-USP: POSSIBILIDADE PARA O DIÁLOGO DE SABERES E A DECOLONIZAÇÃO EM MUSEUS?

LA EXPOSICIÓN “RESISTÊNCIA JÁ” DEL MAE-USP: ¿POSIBILIDAD DE DIÁLOGO DE SABERES Y DESCOLONIZACIÓN EN LOS MUSEOS?

Rodrigo Castilho Freitas

Universidade de São Paulo/ Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da USP
rodrigocfreitas@usp.br

Martha Marandino

Universidade de São Paulo/ Faculdade de Educação
marmaran@usp.br

RESUMO

Este texto apresenta parte de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo investigar as percepções do público visitante de um museu, aspectos sobre a relação entre saberes científicos e saberes de povos originários. Realiza-se o estudo na exposição “Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena” do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). A pesquisa possui como referencial teórico elementos do PLACTS e perspectivas decoloniais que incidem sobre a educação e divulgação científica em museus. Neste trabalho serão apresentados dados coletados sobre a exposição, seus objetivos e finalidades.

Palavras-chave: Ensino de ciências e museus; Decolonialidade; PLACTS; Sociomuseologia; Povos indígenas.

Eixo temático: 5. Divulgação científica e ensino de Ciências e Biologia em espaços não escolares.

Modalidade: pesquisa acadêmica.

RESUMEN

Este texto presenta parte de una investigación en curso con objetivo de indagar en las percepciones del público visitante de un museo, aspectos sobre la relación entre el conocimiento científico y el conocimiento de los pueblos indígenas. El estudio se lleva a cabo en la exposición “Resistencia já! Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena” del MAE-USP. La investigación utiliza como marco teórico elementos de PLACTS y perspectivas decoloniales que se centran en la

educación y la divulgación científica en los museos. Este trabajo presentará datos recogidos sobre la exposición, sus objetivos y finalidades.

Palabras clave: Enseñanza de las ciencias y museos; Decolonialidad; PLACTS; Sociomuseología; Pueblos indígenas.

Eje temático: 5. Divulgação científica e ensino de Ciências e Biologia em espaços não escolares

Modalidad: Investigación académica.

INTRODUÇÃO

O genocídio e o epistemicídio de povos originários no Brasil são fatos marcantes da história do país, associados à sua constituição colonial. A população brasileira enfrentou, recentemente, um mandato de Presidência da República que priorizava um avanço do desmatamento e garimpo ilegal em detrimento da preservação de recursos naturais e demarcação de Terras Indígenas. Este cenário de desvalorização e negligência perante os povos indígenas do Brasil, com intensificação de quadros de epistemicídio (GROSGOUEL, 2016), foi agravado em meio a pandemia de Covid-19, juntamente a um processo de propagação de *fake news* que configura uma "pandemia" da desinformação (CORDEIRO et al., 2021), somado ainda a perda orçamentária para as áreas de ciência, educação e saúde (NEVES; SAMPAIO, 2020).

No Brasil, os povos indígenas possuem, há menos de 30 anos, assegurados por lei os processos educativos próprios de suas sociedades e a presença dos aspectos de sua história e cultura como conteúdo programático da educação básica. Contudo, ainda são escassas as propostas educacionais que contemplam e valorizam estes aspectos, tanto no âmbito da educação formal (GONÇALLO et al., 2019) quanto da educação não formal (PAIM; ARAÚJO, 2018). Torna-se assim relevante estudar se e como os conhecimentos indígenas vêm sendo incorporados em processos educativos, em especial aqueles desenvolvidos em espaços museais. A presente pesquisa focaliza o público visitante da exposição “Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”, do MAE-USP, buscando compreender as suas percepções sobre a relação entre os conhecimentos científicos e os indígenas neste local.

Para este estudo, assumimos como pressupostos teóricos o Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS) em articulação com as

perspectivas decoloniais (PLACTS-decolonialidade). As questões de pesquisa se referem a conhecer a percepção dos visitantes sobre a relação entre saberes científicos e saberes dos povos indígenas na exposição “Resistência já!” e a compreender o que pensam sobre o papel dos museus no que se refere aos epistemicídios sofridos pelos povos indígenas no Brasil.

Este texto é parte da pesquisa de mestrado intitulada *Diálogo de saberes e decolonização nos museus: o caso da exposição "Resistência já" do MAE-USP*. Nele iremos caracterizar a exposição “Resistência já”, seus objetivos e finalidades, abordando a sua relevância para os estudos de público em museus na perspectiva decolonial.

MUSEUS: DE ESPAÇOS COLONIAIS À PROBLEMATIZAÇÃO DECOLONIAL

Ao longo da história dos museus, que remonta ao século XVI, estes cumpriram como funções o armazenamento e a organização de coleções de objetos, inicialmente em espaços elitizados com acesso para poucos sujeitos pertencentes à nobreza. Com o desenvolvimento da ciência, entre os séculos XVII ao XIX, o foco passa a ser a pesquisa e a instrução de estudiosos, sendo ainda muito restrito o acesso a outros públicos aos conhecimentos ali produzidos. Aos poucos e a partir das mudanças sociais causadas com a revolução científica e a ascensão da burguesia, amplia-se a compreensão dos museus enquanto locais públicos, em que há preocupação de aproximar visitantes do conhecimento científico produzido com base nas coleções (VALENTE, 2018).

O século XX marca a preocupação dos museus em compreender e atender os diversos públicos (CAZELLI; VALENTE, 2019) ampliando a importância da educação nestas instituições. Como aponta Marandino (2022), neste período vemos, por um lado, a institucionalização dos museus interativos de ciências em bases cognitivistas e de entretenimento e, por outro, o aumento da preocupação educativa, estética e imersiva de exposições dos museus de história natural. No século XXI esses modelos de museus são supervalorizados e se expandem ao mesmo tempo que recebem críticas às concepções de ciência e de educação a eles atreladas. Como analisa a autora, os museus de ciências possuem uma trajetória política e contextual, influenciada pelas concepções de ciência, do papel social e cultural atribuído a estas instituições e de determinadas épocas, assim

como relações de poder entre territórios, atores e instituições. De fato, estes espaços possuem destacada relevância na história da ciência, entretanto reconhece-se o seu caráter elitista e colonizador. “Ao longo de sua existência, estes locais vêm participando da legitimação de uma forma de pensar única e universal de conhecimento, que toma por base as ciências naturais produzidas especialmente no continente europeu” (MARANDINO, 2022, p. 791).

Embora os museus tenham se configurado, ao longo de sua existência, como instituições que mantêm o *status quo* (MARTINS, 2011), os estudos sociais em museologia vêm cada vez mais buscando por uma redefinição de suas práticas, a ser feita em conjunto dos grupos sociais subalternizados (DUARTE CÂNDIDO, 2020). Esses movimentos questionam os valores que fundaram os museus na Modernidade, problematizando as origens eurocêntricas e culturalmente hegemônicas da classe burguesa desses locais, promovendo a produção de outras e novas narrativas museais, que vêm sendo recompostas por grupos subalternizados que constituem com suas experiências as alternativas críticas ao discurso das instituições coloniais (BRULON, 2020).

ASPECTOS DO REFERENCIAL TEÓRICO: PLACTS E DECOLONIALIDADE

A educação em ciências, tal qual a educação em museus, vêm aprofundando as discussões e desenvolvendo pesquisas e ações que denunciam os processos históricos de invisibilização e subalternização de diferentes grupos sociais e culturais.

Paim e Araújo (2018) advogam que para o enfrentamento das diferentes formas de subalternização (genocídio, epistemicídio e perda de elementos indígenas) deve ser promovido o envolvimento dos conhecimentos e práticas culturais indígenas no processo de patrimonialização cultural. Os autores ainda defendem que estes conhecimentos e práticas não devem ser reproduzidos conforme seus aspectos originais de um modo que incorra em uma forma de repetição alienada do passado.

Tomando por base os aspectos mencionados, esta pesquisa tem por base ideias e pressupostos do PLACTS e de perspectivas decoloniais aplicadas aos museus. O PLACTS representa uma perspectiva que se configura na década de 1960, em vista de negar a agenda de pesquisa concebida no Hemisfério Norte, propondo encaminhamentos

para superar o modelo hegemônico de desenvolvimento (AULER; DELIZOICOV, 2015; AULER, 2021), e assim buscando promover uma educação em ciências em que pesam as questões de Ciência e Tecnologia latino-americanas (FRANCO-AVELLANEDA; LINSINGEN, 2014).

Esses referenciais se mostram relevantes no âmbito dos museus enquanto espaços de educação não formal e de divulgação científica e podem propiciar a compreensão da percepção dos visitantes sobre as relações entre conhecimento científico e conhecimentos indígenas que não oriundos da ciência e da modernidade ocidental (BARCELLOS, 2020; KATO et al., 2023).

ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa em desenvolvimento é de natureza qualitativa, e se enquadra como um estudo de caso (CHIZZOTTI, 2017, p. 102). Possui como foco o estudo de recepção, na medida em que se direciona a entender o fenômeno educacional na perspectiva dos públicos (MARANDINO et al., 2009). A unidade de estudo escolhida, como já informado, é a exposição “Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena” do MAE-USP, e, para o seu desenvolvimento estão sendo feitos levantamentos de documentos sobre a exposição, observações da mesma e entrevistas com o público adulto visitante.

Os dados obtidos a partir dos procedimentos de coleta indicados serão organizados em conformidade com a natureza e o gênero desta pesquisa. Será aplicada, como perspectiva teórico-metodológica, a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), com objetivo de analisar o conteúdo das mensagens e as condições de produção e recepção de conteúdos pelos visitantes. Para este texto, optamos por apresentar parte do levantamento feito a partir de observação da exposição e da leitura de documentos como pranchas, textos e lista de acervo da expografia, planta da exposição, projetos e apresentações (comunicações), bem como artigos sobre a mesma.

A EXPOSIÇÃO “RESISTÊNCIA JÁ! FORTALECIMENTO E UNIÃO DAS CULTURAS INDÍGENAS KAINGANG, GUARANI NHANDewa E TERENA”

A exposição “Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena” é a primeira mostra no MAE-USP realizada de forma colaborativa com grupos indígenas, participantes ativos na concepção da exposição e em ações educativas (SILVA; CARNEIRO, 2021). O MAE-USP é um museu universitário, e como tal, se ancora no princípio da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, contando com a Seção Técnica de Educação para o Patrimônio (STEP) ou Educativo, a qual possui 40 anos de história relacionada ao surgimento da instituição e participação destacada no processo curatorial. Com relação a exposição em foco, o museu considera a relevância de se atentar às percepções do público visitante “não indígena” na exposição, buscando gerar ações educativas e pesquisa com o público não indígena, a fim de promover o diálogo de saberes deste com as questões indígenas (SILVA; CARNEIRO, 2021).

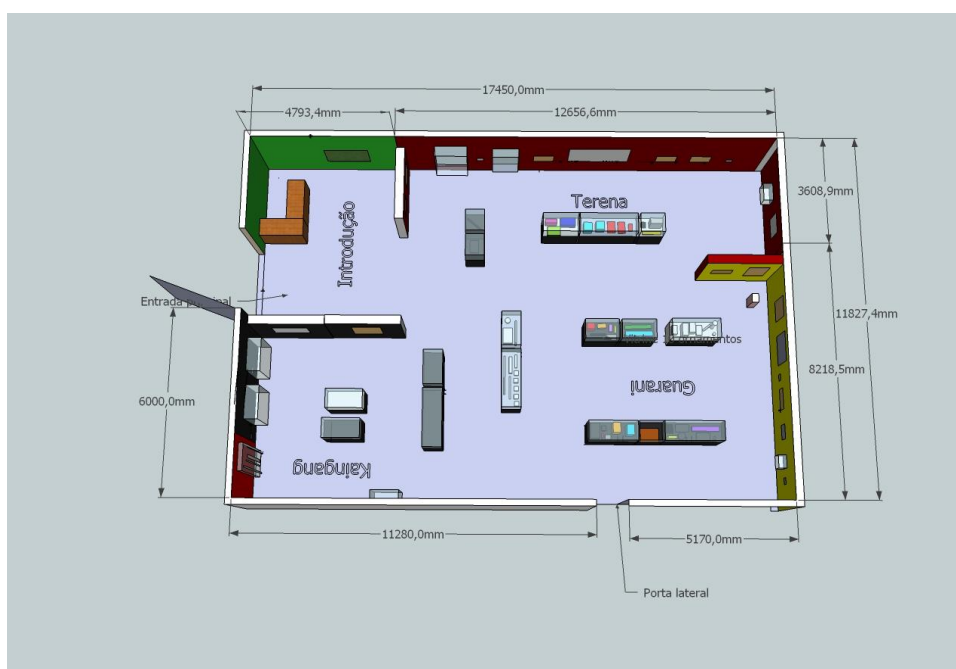
O processo de curadoria da exposição envolveu a colaboração com três grupos indígenas - Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena - habitantes do Oeste do estado de São Paulo, ocupando três Terras Indígenas (TI): Araribá, Icatu e Vanuíre. O acervo a ser exposto foi proveniente de coleções formadas pelo Museu Paulista entre fins do século XIX e 1947, as quais estão atualmente sob guarda do MAE-USP (SILVA; CARNEIRO, 2021). A promoção do trabalho cooperativo com os indígenas nesta exposição, mais do que uma tendência observada na sociomuseologia com a perspectiva de descolonização em museus, vai ao encontro de reivindicações dos indígenas de oferecer o retorno do conhecimento dos pesquisadores que atuaram nas aldeias e a divulgação de informações sobre como vivem atualmente, com o objetivo de desmistificar visões acerca dos indígenas que não reconhecem seus modos de vida na atualidade (CURY, 2020).

Assim, em torno do processo colaborativo e autonarrativo de concepção da exposição, o museu tem como alguns de seus objetivos tornar as coleções conhecidas pelos indígenas, promover o acesso aos objetos de seus antepassados, assim como requalificar suas coleções (CURY, 2019). Para a elaboração da Plataforma Educativa da exposição, o MAE-USP focou na escuta e no aprendizado com os povos indígenas, de modo que a equipe do museu realizou mais de dez visitas às aldeias nas referidas TI entre 2016 e 2018. Em julho de 2018, representantes dos três grupos indígenas passaram uma semana no MAE, e a partir daí outros momentos como estes foram promovidos para o

delineamento das ações de acordo com as expectativas de todas as pessoas envolvidas (CURY, 2019).

A Plataforma Educativa da exposição foi definida em conjunto com os indígenas que participaram de sua curadoria (Figura 1). Foi papel dos indígenas definir como e quais objetos seriam organizados na exposição, assim como qual seria a organização geral da mesma, com a definição da utilização de aspectos da expografia. Por exemplo, a cor verde foi selecionada para o espaço da introdução, onde são apresentadas informações sobre o processo de elaboração da mesma, os créditos e informações sobre os antropólogos que atuaram nas coleções. A cor terracota representa os Terena, a amarela os Guarani Nhandewa e vermelha e preta os Kaingang.

Figura 1: Mapa da exposição “Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”.



Fonte: MAE-USP.

Os objetos estão dispostos tanto em vitrines fechadas e fora destas, quando podem ser tocados pelo público. Os objetos do grupo Terena incluem: conjunto de roupa, bodoques, flauta, penacho, cesta, armadilha para pesca, panelas de barro, dentre outros. Os objetos do grupo Guarani Nhandewa incluem livros, pia batismal, velas, colares, cachimbo, chocalhos, bastões, arcos, sementes, dentre outros. Os objetos do grupo Kaingang

incluem panelas, moringa, pinças, arcos, armadilhas, colares, vasos, roupas de dança, dentre outros. As informações acerca dos objetos expostos é apresentada ao público através de pranchas com a respectiva cor utilizada para representar o grupo indígena. Há também uma descrição elaborada pelos próprios indígenas, conforme o exemplo disposto na figura 2, com exemplo de uma prancha em que é possível encontrar os créditos da confecção dos objetos.

Figura 2: Prancha com descrição da “Roupa De Dança” confeccionada por Dirce Jorge Lipu Pereira e Susilene Elias de Melo (Kaingang).



Fonte: MAE-USP.

PRIMEIRAS REFLEXÕES COM BASE NOS DADOS COLETADOS

Esta pesquisa está em andamento e apresentamos aqui os dados coletados a partir do levantamento de documentos sobre a mesma. Encontra-se também em andamento as entrevistas com visitantes adultos, as quais serão centrais para compreender se existe diálogo entre os conhecimentos indígenas e os conhecimentos científicos na percepção

do público. Para a análise dos dados obtidos, serão definidas categorias conforme a Análise de Conteúdo, as quais podem ser obtidas *a posteriori* e correspondentes ao referencial teórico do PLACTS e de perspectivas que discutem a decolonização em museus.

No Brasil, a busca pela construção de conceitos e metodologias em experiências museológicas como cooperação, colaboração, curadoria compartilhada, dentre outros, estão associadas, por exemplo, aos processos democráticos que são reflexo da Constituição Federal de 1988, como no caso da Política Nacional de Museus (CURY, 2019). A Constituição de 1988 estabelece por parte do Estado o reconhecimento aos povos indígenas de sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, aspecto que está sendo valorizado nas políticas públicas do campo museal brasileiro. No caso do MAE-USP, a promoção das autonarrativas é considerada como contribuição para o fortalecimento das culturas indígenas e a atualização dos museus perante as demandas sociais contemporâneas (CURY, 2019; SILVA; CARNEIRO, 2021).

Entretanto, ainda é escassa a atuação do Estado brasileiro no sentido de implementação de políticas públicas articuladas ao desenvolvimento desse tipo de metodologias e tecnologias, senão são mais frequentemente iniciativas de instituições, destacadamente universitárias (CURY, 2019). A experiência do MAE tem origem no projeto da exposição desenvolvida no âmbito do seu Programa Museológico de Difusão Científica, mas também de uma parte das produções acadêmicas que representam o empenho da equipe de comunicar o histórico e desdobramentos de tal projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os esforços para a produção de descolonização nos museus, há também o argumento de que estas instituições e a ciência não podem ser completamente descolonizados (SOUZA, 2022), ou ao menos, de que o desenvolvimento de propostas colaborativas com indígenas orientadas por estas não podem levar, por si só, a afirmação do desaparecimento das práticas coloniais. A importância dos museus tem sido reconhecida como relevante para alguns grupos indígenas, como é o caso desta experiência, em que os indígenas afirmam considerar o MAE-USP um bom lugar para a

guarda de seus objetos como forma de pensar suas futuras gerações (CURY, 2020). Como destaca Faulhaber (2020), para um líder Tikuna, conhecer o mundo dos brancos é parte do processo de reapropriação de seu conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AULER, D; DELIZOICOV, D. Investigação de temas CTS no contexto do pensamento latino-americano. **Linhas críticas**, v. 21, n. 45, p. 275-296, 2015.
- AULER, D. Freire, Fermento Entre os Oprimidos: Continua Sendo?. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. e33706-1–30, 2021.
- BARCELLOS, M. Ciência não autoritária em tempos de pós-verdade. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1496-1525, 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRULON, B. Introdução. *In*: BRULON, B. (org.). **Descolonizando a Museologia**. Paris: ICOM/ICOFOM, 2020b, p. 9-29.
- CAZELLI, S.; VALENTE, M. E. Incursões sobre os termos e conceitos da educação museal. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, p. 18-40, 2019.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2017. 208 p.
- DUARTE CÂNDIDO, M. M. As museologias insurgentes: pesquisa e reflexões para transformar a Museologia na Bélgica. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação**, v. 9, n. 17, 2020.
- CORDEIRO, J. D. R.; FONSECA, A. B.; LESSA, L. R.; LIMA, A. G. I.; NOBILE, M. A educação em ciências e saúde e o enfrentamento à desinfodemia: um relato de experiências críticas no ensino online. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, e5720, 2021.

CURY, M. X. Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, p. 129-146, 2020.

CURY, M. X. Museu e exposição: o exercício comunicacional da colaboração e da descolonização com indígenas. *In:* (Orgs) GALÚCIO, A. V.; PRUDENTE, A. L. **Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia**. (Org.) Ana Vilacy Galúcio; Ana Lúcia Prudente. Belém: Museu Paulista Emílio Goeldi, 2019.

FAULHABER, P. Os índios Tikuna e o mundo dos museus. *In:* BRULON, B. (org.). **Descolonizando a Museologia**. Paris: ICOM/ICOFOM, 2020, p. 91-102.

FRANCO-AVELLANEDA, M.; LINSINGEN, I. V. Um olhar para a educação científica e tecnológica a partir dos estudos sociais da ciência e da tecnologia: abrindo novas janelas para a educação. *In:* KREIMER, P. et al. (Orgs.). **Perspectivas latinoamericanas en el estudio social de la ciencia, la tecnología y la sociedad**. México: Siglo XXI, 2014. p. 505-518.

GONÇALLO, R. L. A.; KATO, D. S.; OVIGLI, D. B.; SANTOS, E. C. A. Interculturalidade e Educação: abordando a Temática Indígena na Educação Básica. **Vértices** (Campos dos Goitacazes), v. 21, n. 1, p. 18-27, 2019.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

KATO, D. S.; GALAMBA, A.; MONTEIRO, B. A. P. Decolonial scientific education to combat 'science for domination'. **Cultural Studies of Science Education**, p. 1-19, 2023.

MARANDINO, M. A invisibilização dos povos da floresta amazônica nos dioramas de museus: reflexões para educação e divulgação da ciência. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, p. 788-807, 2022.

MARANDINO, M.; MARTINS, L. C. GRUZMAN, C.; CAFFAGNI, C. W.; ISZLAJI, C.; CAMPOS, N. F.; MÔNACO, L.; SALGADO, M.; FIGUEROA, A. M. S. BIGATTO, M. A abordagem qualitativa nas pesquisas em educação em museus. *In:* VII ENCONTRO

NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2009, Florianópolis: VII ENPEC. **Atas...** Florianópolis, 8-13, nov. 2009.

MARTINS, L. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia.** 2011. 390 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2011.

NEVES, B. C.; SAMPAIO, D. B. Quando a ciência está na UTI, quem perde é a sociedade. **Folha de Rosto**, v. 6, n. 2, p. 1-4, 2020.

PAIM, E. A.; ARAÚJO, H. M. M. Memórias outras, patrimônios outros, e decolonialidades: Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de história da África e dos afrodescendentes e de história dos Indígenas no Brasil. **Education policy analysis archives**, v. 26, p. 1-24, 2018.

ROCA, A. Museus indígenas na Costa Noroeste do Canadá e nos Estados Unidos. **Revista de Antropologia**, v. 58, n. 2, p. 117-142, 2015.

SILVA, M. A.; CARNEIRO, C. G. Escuta das narrativas indígenas na exposição colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus. **Museologia e Interdisciplinaridade. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**, v. 10, n. 19, p. 163-188, 2021.

SOUZA, T. T. Colaboración y descolonización en los museos. **Notas de Antropología de las Américas**, v. 2022, n. 1, p. 5-24, 2022.

VALENTE, M. E. Da dimensão à função educativa no museu: algumas incursões. *In*: COSTA, A. F.; RANGEL, A. M. S.; CASTRO, F. S. R.; HENZE, I. A. M.; VALENTE, M. E.; SOARES, O. J. (Org.). **O lugar da educação nos museus.** Rio de Janeiro: Museus Castro Maia, 2018. p. 41-48.